

Monitoramento de notícias da Unisul

Dia 22, 23 e 24 de setembro de 2018

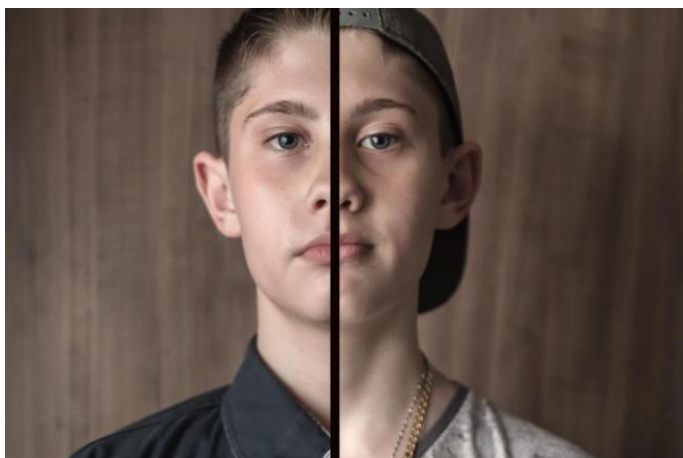
Site

Veículo: Diário Catarinense

Data: 24/09/2018

Link: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2018/09/meninos-adolescentes-qual-medico-procurar-e-os-principais-cuidados-com-a-saude-10591804.html>

Meninos adolescentes: qual médico procurar e os principais cuidados com a saúde



João Daniel, de Florianópolis, tem 13 anos e desde os nove não vai ao médico

Foto: Marco Favero / Diário Catarinense

Mudanças no corpo, explosão de hormônios e muitas dúvidas sobre uma infinidade de assuntos. A adolescência – fase da vida que se entende dos 10 anos aos 19 anos – é um período peculiar e importante no qual ocorre um rápido desenvolvimento físico, cognitivo, social e sexual, trazendo consequências diretas para a vida adulta.

Mas, apesar disso, os cuidados com a **saúde** nesse período frequentemente são negligenciados, especialmente entre os meninos. Médicos urologistas relatam que o dia a dia do consultório revela a ausência dos guris dessa faixa etária. Enquanto as meninas são levadas ao ginecologista tão logo entram na puberdade, eles passam anos a fio desassistidos.

– O adolescente entra em uma zona de ausência de assistência médica. Via de regra, na puberdade, o menino fica desassistido. É cultural levar as meninas ao ginecologista nessa fase, mas o paralelo do menino com o urologista não existe – aponta o urologista Daniel Suslik Zylbersztejn, especializado em reprodução humana e membro da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU).

Não há dados no país que comprovem essa impressão mas, conforme estimativa da SBU, o índice de idas ao médico entre os jovens brasileiros possivelmente se aproxima

do registrado nos Estados Unidos – afinal, a dificuldade do sexo masculino de ir ao médico é uma realidade no mundo todo. Por lá, as visitas ao urologista, na maioria das vezes (43%), são em decorrência de algum problema crônico. Em contrapartida, as mulheres que vão ao ginecologista por prevenção somam 71%.

– Menino consulta se tem uma questão intercorrente: quando surge uma doença ou algo do gênero. Dificilmente o pai leva o menino para fazer uma avaliação – afirma Ernani Rhoden, professor de Urologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

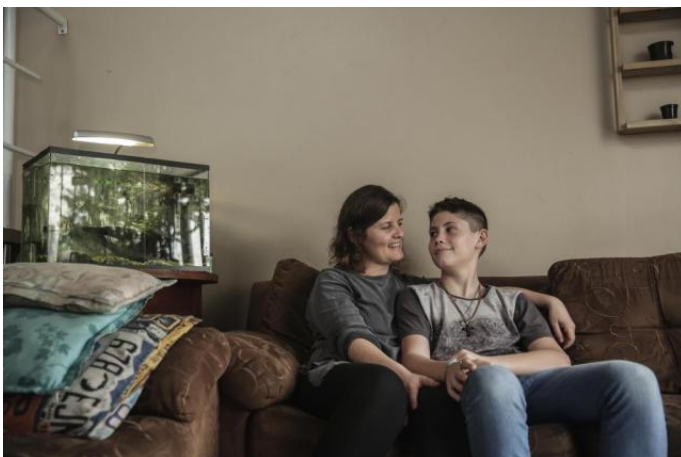
A falta de referência

A hebiatra (especialidade médica dedicada aos cuidados dos adolescentes) Lilian Day Hagel, integrante do Departamento Científico de Adolescência da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), entende que a busca por assistência médica por parte dos meninos existe, o que falta é uma especialidade de referência.

– Se pensarmos nos ambulatórios e nos consultórios, há procura de serviço especializado por ambos os sexos. O que acontece é que os meninos têm menos possibilidade de acesso porque a referência no atendimento às meninas é o ginecologista, e essa relação com o urologista não é tão fácil – aponta a médica, que atua na Unidade de Adolescentes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e na coordenação do Serviço de Adolescentes do Grupo Hospitalar Conceição.

Para reverter esse quadro e aproximar os meninos da urologia, a SBU lançou neste mês a campanha #VemProUro. Ao longo do período, médicos das diversas seções estaduais da SBU realizarão palestras de orientação em escolas, hospitais e em lugares frequentado por adolescentes.

– Nessa fase, em que os adolescentes se distanciam dos pais, muitas vezes quem vai ajudar o menino é o melhor amigo, que sabe tanto ou menos do que ele. Ele sente falta de uma presença médica que possa colaborar a promover saúde, evitar acidentes e ouvir dúvidas que surgem nessa etapa conturbada de transformações físicas e hormonais. O médico pode detectar alguma fragilidade relacionada à parte social do adolescente, como ele se relaciona com a família, se está suscetível ao uso de drogas, álcool ou cigarro. Ir ao urologista não é piada. Deveria ser rotina desde os 13 anos e não só na presença de doenças no trato geniturinário – alerta Zylbersztejn, coordenador da campanha.



Maria planeja levar o único filho, João Daniel, ao médico em breveFoto: Marco Favero / Diário Catarinense

Planos de ir ao médico

João Daniel Dallagnol Stefanos ia no mínimo uma vez por ano ao pediatra. O tratamento da bronquite e os checkups faziam com que o menino fosse consultado periodicamente pelo especialista. Mas as visitas duraram até os nove anos. Desde então, João, que hoje tem 13 anos, não foi mais ao consultório:

— É importante levar no médico, mas por causa da correria do dia a dia a gente não presta atenção, aí lá na frente vai precisar e vamos pensar " por que não levamos" – explica a mãe do menino, a microempresendedora Maria Dallagnol Stefanos.

Mas a moradora de Florianópolis planeja uma visita ao médico em breve, porque acha que pode ajudar nesta fase de tantas mudanças do único filho:

— Ele não quer ser adulto, e não quer ser criança, está na fase de transformação. Ele é bem tranquilo, mas agora está um pouco mais irritado. Quero levar, fazer um checkup, é importante porque com a adolescência chegando, tem a questão dos hormônios, e também porque o profissional, que não é mãe nem pai dele, pode ser que tenha mais acesso a ele para conversar.

João faz parte de um grande contingente de adolescentes que não costuma ir ao médico. Gerson José Coelho, médico pediatra com área de atuação em medicina do adolescente e professor da Unisul Pedra Branca, explica que vários fatores estão envolvidos nesta resistência em ir aos consultórios:

— As questões de gênero/ masculinidade impedem que os homens acessem os serviços de saúde por conta da concepção de invulnerabilidade, vergonha e medo de descobrir uma doença incapacitante. As outras barreiras estão associadas ao horário de funcionamento das unidades básicas e falta de especialistas na área. Quando procuram, vão mais por estar com alguma queixa do que para consulta preventiva.

O médico, que é pediatra há 38 anos e atua na atenção ao adolescente há 18, explica que são cerca de 20 a 30 profissionais com formação em medicina da adolescência no Estado. Segundo Coelho, o ideal seria ter até cinco vezes mais profissionais. A explicação para o número limitado, defende o professor, está na baixa remuneração dos convênios, pouca procura dos médicos pela pediatria (pré- requisito para a formação) e receio dos médicos em atender uma faixa etária com a qual não estão acostumados. Além de mais médicos especialistas na área, também é necessário que o pediatra tente criar vínculo com o adolescente, orientando- o da necessidade do atendimento. Essas iniciativas poderiam incentivar a procura do serviço pelos adolescentes, que geralmente vão ao médico por demandas relacionadas a questões psicossociais e comportamentais, mudanças corporais, autoimagem, obesidade, acne, asma e rinite, transtornos depressivos e de ansiedade e dificuldades escolares.

A psicóloga e médica pediatra especializada em adolescentes Catarina Costa Marques reforça a importância de procurar um médico: – Todos da família fazem exame de rotina, então é importante que o adolescente trate questões de sexualidade, que não são trabalhadas em casa, e orientação para doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce.

Além disso, Catarina que atua como psicoterapeuta para adolescentes, diz que os pais devem prestar atenção a mudanças que podem indicar transtornos psicológicos.

— É importante diferenciar o que é esperado na adolescência, que tem muitas transformações, mudança de humor, distanciamento dos pais, por exemplo, mas é importante ficar atento aos sinais, já que há um aumento vertiginoso de depressão, ansiedade e transtornos alimentares nesta faixa etária.

Ela alerta para sinais que podem indicar problemas: isolamento social, queda no rendimento escolar, alteração de sono e apetite. Nestes casos, a recomendação é procurar um profissional da saúde.

As doenças mais comuns entre os meninos adolescentes

- **Varicocele:** dilatação nas veias dos testículos que é a causa mais comum de infertilidade – está presente em cerca de 20% a 25% da população masculina em geral. Tratável, a doença não apresenta sintomas e só é detectada com exame físico dos genitais.
- **Tumor no testículo:** câncer mais comum entre homens de 20 a 40 anos, tem como principal sintoma o aumento do volume da bolsa escrotal ou a palpação de um “caroço” no testículo. Mais de 95% desses tumores são curáveis. Meninos, pais e mães devem ficar atentos a esse sinal, pois, quanto mais cedo for feito o diagnóstico, mais simples os tratamentos.
- **Fimose:** consiste em um anel de constrição na pele que recobre a glândula do pênis (prepúcio), dificultando ou impedindo a exposição da glândula (cabeça do pênis). Os sintomas, em crianças, podem ser infecções locais e urinárias, em razão da dificuldade de higienização do local, e até mesmo problemas para urinar.
- **Balanopostite:** processo inflamatório que ocorre no pênis e afeta a glândula e o prepúcio. A causa mais comum é uma infecção aguda causada pelo fungo *Candida albicans*. Não é uma DST, pois ser transmitida sem a realização de penetração, embora o casal possa compartilhar o fungo durante o ato sexual. O tratamento é feito com cremes tópicos e medicação via oral.
- **Ejaculação precoce:** é caracterizada pela ejaculação que ocorre sempre, ou quase sempre, quando o tempo desde a penetração vaginal até a ejaculação passa a ser insatisfatório para o homem ou para o casal. No jovem, a causa costuma estar relacionada à ansiedade e à inexperiência do ato sexual. O tratamento é realizado basicamente por meio de psicoterapia sexual e de farmacoterapia.

Por que eles não vão ao médico

A baixa presença de meninos e homens nos consultórios médicos é permeada principalmente por questões culturais.

– O que se vê é a contracepção e a reprodução delegadas como questões femininas. O homem tem uma participação como coadjuvante, não de pessoa diretamente vinculada. A mulher faz exames pré-concepção, planeja a prole, faz exames de rotina. Dificilmente o homem faz isso. Ele só procura o urologista quando o casal tenta engravidar por muito tempo e não consegue. Isso passa, necessariamente, por uma questão cultural e de informação, que deveria ser incorporada de maneira mais objetiva nos currículos escolares – sugere Ernani Rhoden, professor de Urologia da UFCSPA.

A psicóloga Denise Quaresma da Silva, pesquisadora da Universidade Feevale, vê nessa situação o reflexo de uma raiz muito forte do patriarcado, que defende que homens não precisam de educação sexual, que são viris, destemidos e têm um quê de “super-herói”.

– Ele não adoce, afinal, é homem. Se o menino tem uma dor de garganta, é “só uma dorzinha”. Agora, se for a menina, precisa ir no médico porque ela é frágil – exemplifica.

Trabalhando com educação sexual e gravidez na adolescência, a psicóloga encontrou informações importantes sobre o tema nas escolas:

– Na pesquisa que realizei, aparece muito que as professoras dizem que a educação sexual deve ser dirigida para as meninas, afinal, são elas quem engravidam. Mas o menino também faz parte dessa relação.

Os especialistas defendem que a gravidez na adolescência deve ser um tema que envolva também os meninos.

– Tem de fazer com que o homem participe disso desde sempre. As pessoas não têm a percepção de que o uso do preservativo é para se auto preservar. Homem que exige preservativo não mostra fraqueza, mostra poder de querer se cuidar – diz a hebiatra Lilian Day Hagel.

Qual médico procurar

Além do urologista, os meninos (e, nesse caso, também as meninas) podem consultar pediatras especializados no atendimento dessa faixa etária, os hebiatras. De acordo com Lilian Day Hagel, esses profissionais costumam a fazer uma avaliação de oito áreas da vida do jovem: moradia, educação, hábitos alimentares, atividades, uso de drogas, sexualidade, segurança e suicídio/humor. Havendo qualquer discrepância em uma delas, o profissional pode requisitar ajuda de outro especialista.

– O hebiatra tem treinamento para avaliar essas questões e montar o perfil de cada paciente. Dentro das atividades, destaco a questão do abuso das telas: meninos passam horas em frente à tela. Isso pode trazer prejuízos físicos como miopia, escoliose, infecção urinária, constipação, anemia, maus hábitos alimentares etc. Outra é o cyberbullying – fala a hebiatra.

Quando procurar

A recomendação é que adolescentes visitem o médico uma vez por ano para fazer uma avaliação geral da saúde. Na vida adulta, Rhoden reforça que a rotina de visitas ao médico deve se manter com a ideia de avaliar a saúde global. A partir dos 45 anos, homens com histórico familiar de câncer de próstata e afrodescendentes devem fazer exames preventivos. Caucasianos e sem histórico familiar devem fazer a partir dos 50.

Veículo: Hora de Santa Catarina

Data: 22/09/2018

Link: <http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2018/09/associacao-de-palhoça-transforma-vidas-na-pinheira-ha-26-anos-10590506.html>

Associação de Palhoça transforma vidas na Pinheira há 26 anos

Além da separação de material reciclável, Pró-Crep desenvolve atividades de conscientização socioambiental, brechó e oficina de mosaico

Quem passa em frente ao galpão onde funciona o centro de triagem de resíduos recicláveis da Associação Pró-Crep (Criar, Reciclar, Educar e Preservar), no bairro Pinheira, em Palhoça, não imagina quanta transformação existe lá dentro. O trabalho de separação dos materiais coletados em toda a região da Baixada do Maciambu já seria o suficiente para o reconhecimento da instituição, mas, ao olhar mais de perto, é possível ver que a Pró-Crep vai além disso.



A história da associação começou dentro da Escola Reunida Professora Olga Cerino, na Guarda do Embaú, na década de 1990. A professora Hélia Alice dos Santos, 57 anos, teve a iniciativa de recolher o lixo que podia ser reciclado, vendê-lo e reverter o dinheiro em melhorias para a unidade. Em 1997, ela foi reconhecida nacionalmente ao ganhar um prêmio de incentivo a educação fundamental e saiu da sala de aula para ampliar o projeto. Na época, a prefeitura construiu um galpão para triagem e em 2004 foi oficializada a Associação Pró-Crep.

Muito mais que um serviço de reciclagem, a entidade foca na conscientização socioambiental, na luta contra o preconceito e pela valorização da autoestima dos trabalhadores. Falando nisso, quem vê a dona Francisca Maria da Silva, conhecida como Kika, com suas luvas separando o material na esteira, nem diria que ela está trabalhando. Há 16 anos na associação, essa mulher sorridente esbanja disposição e alegria:

— Todo dia eu venho assim, de batom, maquiada. Ninguém acredita que eu tenho 67 anos, muitos me dão 45. Gosto muito de trabalhar aqui e enquanto eu puder e tiver força não vou parar, graças a Deus saúde eu tenho e é um serviço que faço com prazer — diz.

Renda para 32 famílias

Atualmente 32 famílias tiram sua renda dos serviços desenvolvidos na associação, que vão desde a coleta — a entidade possui um caminhão próprio e faz a coleta do material em toda a região sul de Palhoça — separação do resíduo sólido, filtragem de óleo de cozinha usado que, em parceria com a Universidade do Sul de Santa (Unisul), é transformado em sabão e biodiesel, venda de roupas e acessórios e oficina de mosaico. Além disso, existem mais de 40 pessoas da comunidade que são voluntárias. Hélia, presidente da entidade, conta que a Pró-Crep também tem parceria com duas casas terapêuticas para recuperação de dependentes químicos. Com isso, as pessoas que estão em recuperação, em sua maioria homens, trabalham e recebem uma renda que ajuda nos custos do tratamento.

— Aqui todos são trabalhadores e sabem que o serviço desenvolvido aqui é tão importante quanto qualquer outro — diz Hélia.

Se a associação é tão reconhecida hoje é porque sua idealizadora resistiu a opiniões contrárias:

— Sofri muito com a discriminação das pessoas no começo do projeto. Hoje eu tenho este reconhecimento porque não desisti, persisti, procurei formação, sou mestre em educação, eu recebi um prêmio nacional — conta.



"Aqui todos são trabalhadores e sabem que o serviço desenvolvido aqui é tão importante quanto qualquer outro" diz HéliaFoto: Cristiano Estrela / Diário Catarinense

Incentivo ao consumo consciente

Doze anos atrás, o muro da escola Padre Vicente Ferreira Cordeiro todo decorado em mosaico chamou a atenção de Maria da Costa, 44 anos. Ela ainda não sabia, mas aquilo mudaria a sua vida, pois foi quando conheceu a Pró-Crep, entidade que fez o mosaico. Na época, a associação ainda não era do tamanho que é hoje e Maria, assim como tantas outras mulheres, ajudou na transformação.

— Vim pra cá para dar oficina de mosaico. Na época vendíamos sacolinhas (de pano) para construir esse espaço e fazer as oficinas, mas como vinha muita roupa, ficava acumulado aqui e um dia pensamos em abrir um brechó — conta Maria.



Maria da Costa e Sandra da Silva trabalham no brechóFoto: Cristiano Estrela / Diário Catarinense

Foi assim que em 2010 nasceu o Brechó Consumo Consciente. As peças são doadas pela comunidade e o dinheiro arrecadado com as vendas ajuda na manutenção do espaço e é dividido entre as mulheres que trabalham no brechó. As peças são vendidas no valor de até R\$ 15 e o local funciona das 9h às 12h e das 13h às 18h. Agora, deve ser ampliado com atividades de costura.

A oficina de mosaico é realizada toda quinta-feira, das 13h às 18h. Qualquer pessoa da comunidade pode participar e é gratuita, mas quem quiser também pode ser voluntário da entidade em troca das aulas. Há também aula particular, que dura quatro horas e custa R\$ 280, e é direcionado para quem quer aprender, mas não pode ir no dia da aula coletiva.

Projeto modelo por um dia

O trabalho realizado pela Pró-Crep só seria possível graças à garra das mulheres que lá trabalham. E foi para valorizar essas guerreiras que a professora de biologia do Instituto

Federal de Santa Catarina (IFSC) de Palhoça, Marcela Drechsel, 38 anos, desenvolveu o projeto Modelo por um dia. Marcela conta que o primeiro contato com a associação foi para ver questões de reciclagem do lixo:

— Quando vi essas mulheres percebi que elas se afastavam, pareciam meio cabisbaixas. Foi então que pensei que podíamos fazer algo para valoriza-las.

A partir daí, uniu a paixão pela fotografia e a experiência de outros projetos sociais e, em conjunto com outras pessoas, desenvolveu a ideia. A proposta era dar visibilidade e valorizar a autoestima dessas mulheres, fazendo com que elas se olhassem de forma diferente no espelho, com suas belezas exteriores e interiores.



Marcela e toda a equipe que realizou o projeto modelo por um diaFoto: Cristiano Estrela / Diário Catarinense

Maria Izabel de Souza, 36 anos, tinha o sonho desde os 15 de fazer um book, algo que ela nem pensava mais em realizar. Apesar da timidez e do medo do desconhecido, o projeto fotográfico de Marcela ajudou a revelar que os sonhos podem ser realizados não importa a idade.

— Foi muito bom fazer as fotos porque realizei um sonho que tinha há muito tempo. Tudo melhorou na vida da gente — revela.

Hélia comemora o sucesso do projeto:

— Essa ação contribui para a autoestima das pessoas. Cada oportunidade que as pessoas têm de se desenvolver, elas se desenvolvem como ser humano e isso precisa ser feito continuamente, faz bem para a gente —comenta Hélia.

O projeto deu tão certo que até foi contado no programa Encontro com Fátima Bernardes, da Rede Globo, no dia 23 de agosto. E não pense que acaba aí. A professora Marcela, com uma equipe ainda maior, está executando o projeto Resgatando trajetória, que vai contar a história da Pró-Crep em forma de documentário. O trabalho deve ser concluído até o final do ano.

Festival Solidário

A Associação Pró-Crep promove neste sábado a **2ª edição do Festival Solidário e Dia da Praça**. O festival acontece ao lado da entidade, num terreno baldio transformado em praça pela própria associação.

Será das 9h às 22h com Feira do Cacareco, Brechó Consumo Consciente, massagem, oficina de bolas de sabão gigante e bambolê, oficina de tecido acrobático, exposição de fotos do projeto fotográfico Modelo por um Dia do IFSC, entre outras atividades. Além

disso, haverá almoço com o valor de R\$ 10 por pessoa. A Pró-Crep fica na Rua Mil e Setecentos, no bairro Pinheira.

Veículo: OCP News

Data: 23/09/2018

Link: <https://ocp.news/geral/unisul-de-palhoça-faz-oficina-de-pratica-juridica>

Unisul de Palhoça faz oficina de prática jurídica



Curso tem como objetivo trazer para os advogados considerações de ordem prática | Foto: Divulgação

Com o início da vigência do novo **Código de Processo Civil**, em 2016, muitas questões atinentes à prática do dia a dia dos processos sofreram modificações. Isso impactou na forma como o advogado atua em juízo, com novas questões que devem ser observadas nas tramitações judiciais.

Para elucidar as dúvidas, o advogado **Marcus Vinícius Motter Borges**, sócio do escritório Menezes Niebuhr, presidente da Comissão de Processo Civil da OAB/SC e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, ministra na próxima segunda-feira, 24 de setembro, o curso “Oficina de Prática Jurídica conforme o Novo CPC”. “O novo código alterou o modo de tramitar as ações judiciais. Em algumas situações, o advogado teve que reorganizar a sua estratégia de atuação porque mudou a lei que regulamenta a maneira pela qual as ações tramitam”, explica o Motter Borges. O curso tem como objetivo trazer para os advogados considerações de ordem prática - como elaborações de petições, de recursos, pedidos que são feitos, entre outras -, sob um ponto de vista bastante objetivo.

A aula acontece das 19h30min às 21h30min, no auditório C da **Unisul, campus Pedra Branca, em Palhoça**, e todos os alunos receberão certificado de participação. As inscrições devem ser feitas através no endereço www.esa-sc.org.br.

O preço para advogados é de R\$ 30,00. Jovens advogados pagam R\$ 15,00. Entre os profissionais que já confirmaram presença, os advogados Rafael Horn, Cláudia Prudêncio e Eduardo de Mello e Souza, respectivamente tesoureiro, secretária geral e conselheiro estadual da OAB/SC.

Serviço

Curso: Oficina de Prática Jurídica conforme o Novo CPC

Quando: 24 de setembro

Horário: das 19h30min às 21h30min

Local: Auditório C da Unisul

Endereço: Av. Pedra Branca, Palhoça

Inscrições: www.esa-sc.org.br

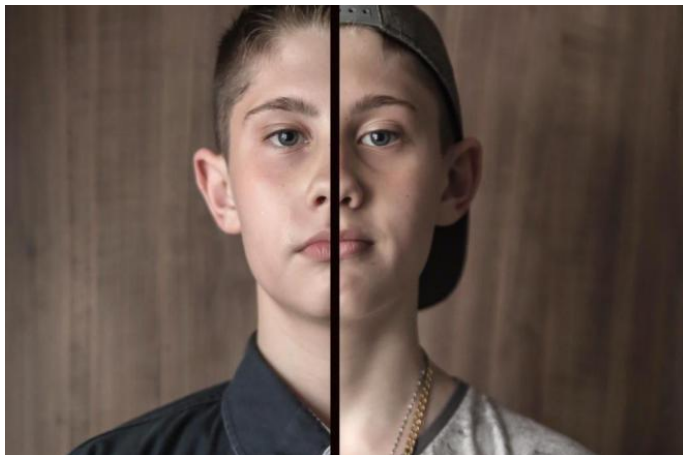
Valores: advogados, R\$ 30,00; jovens advogados, R\$ 15,00

Veículo: Jornal Floripa

Data: 24/09/2018

Link: <http://www.jornalfloripa.com.br/geral/meninos-adolescentes-qual-medico-procurar-e-os-principais-cuidados-com-a-saude/>

Meninos adolescentes: qual médico procurar e os principais cuidados com a saúde



João Daniel, de Florianópolis, tem 13 anos e desde os nove não vai ao médico

Foto: Marco Favero / Diário Catarinense

Mudanças no corpo, explosão de hormônios e muitas dúvidas sobre uma infinidade de assuntos. A adolescência – fase da vida que se entende dos 10 anos aos 19 anos – é um período peculiar e importante no qual ocorre um rápido desenvolvimento físico, cognitivo, social e sexual, trazendo consequências diretas para a vida adulta.

Mas, apesar disso, os cuidados com a **saúde** nesse período frequentemente são negligenciados, especialmente entre os meninos. Médicos urologistas relatam que o dia a dia do consultório revela a ausência dos guris dessa faixa etária. Enquanto as meninas são levadas ao ginecologista tão logo entram na puberdade, eles passam anos a fio desassistidos.

– O adolescente entra em uma zona de ausência de assistência médica. Via de regra, na puberdade, o menino fica desassistido. É cultural levar as meninas ao ginecologista nessa fase, mas o paralelo do menino com o urologista não existe – aponta o urologista Daniel Suslik Zylbersztejn, especializado em reprodução humana e membro da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU).

Não há dados no país que comprovem essa impressão mas, conforme estimativa da SBU, o índice de idas ao médico entre os jovens brasileiros possivelmente se aproxima do registrado nos Estados Unidos – afinal, a dificuldade do sexo masculino de ir ao médico é uma realidade no mundo todo. Por lá, as visitas ao urologista, na maioria das vezes (43%), são em decorrência de algum problema crônico. Em contrapartida, as mulheres que vão ao ginecologista por prevenção somam 71%.

– Menino consulta se tem uma questão intercorrente: quando surge uma doença ou algo do gênero. Dificilmente o pai leva o menino para fazer uma avaliação – afirma Ernani Rhoden, professor de Urologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

A falta de referência

A hebiatra (especialidade médica dedicada aos cuidados dos adolescentes) Lilian Day Hagel, integrante do Departamento Científico de Adolescência da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), entende que a busca por assistência médica por parte dos meninos existe, o que falta é uma especialidade de referência.

– Se pensarmos nos ambulatórios e nos consultórios, há procura de serviço especializado por ambos os sexos. O que acontece é que os meninos têm menos possibilidade de acesso porque a referência no atendimento às meninas é o ginecologista, e essa relação com o urologista não é tão fácil – aponta a médica, que atua na Unidade de Adolescentes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e na coordenação do Serviço de Adolescentes do Grupo Hospitalar Conceição.

Para reverter esse quadro e aproximar os meninos da urologia, a SBU lançou neste mês a campanha #VemProUro. Ao longo do período, médicos das diversas seções estaduais da SBU realizarão palestras de orientação em escolas, hospitais e em lugares frequentado por adolescentes.

– Nessa fase, em que os adolescentes se distanciam dos pais, muitas vezes quem vai ajudar o menino é o melhor amigo, que sabe tanto ou menos do que ele. Ele sente falta de uma presença médica que possa colaborar a promover saúde, evitar acidentes e ouvir dúvidas que surgem nessa etapa conturbada de transformações físicas e hormonais. O médico pode detectar alguma fragilidade relacionada à parte social do adolescente, como ele se relaciona com a família, se está suscetível ao uso de drogas, álcool ou cigarro. Ir ao urologista não é piada. Deveria ser rotina desde os 13 anos e não só na presença de doenças no trato geniturinário – alerta Zylbersztejn, coordenador da campanha.

Planos de ir ao médico

João Daniel Dallagnol Stefanos ia no mínimo uma vez por ano ao pediatra. O tratamento da bronquite e os checkups faziam com que o menino fosse consultado periodicamente pelo especialista. Mas as visitas duraram até os nove anos. Desde então, João, que hoje tem 13 anos, não foi mais ao consultório:

— É importante levar no médico, mas por causa da correria do dia a dia a gente não presta atenção, aí lá na frente vai precisar e vamos pensar " por que não levamos" – explica a mãe do menino, a microempresendedora Maria Dallagnol Stefanos.

Mas a moradora de Florianópolis planeja uma visita ao médico em breve, porque acha que pode ajudar nesta fase de tantas mudanças do único filho:

— Ele não quer ser adulto, e não quer ser criança, está na fase de transformação. Ele é bem tranquilo, mas agora está um pouco mais irritado. Quero levar, fazer um checkup, é importante porque com a adolescência chegando, tem a questão dos hormônios, e também porque o profissional, que não é mãe nem pai dele, pode ser que tenha mais acesso a ele para conversar.

João faz parte de um grande contingente de adolescentes que não costuma ir ao médico. Gerson José Coelho, médico pediatra com área de atuação em medicina do adolescente e professor da Unisul Pedra Branca, explica que vários fatores estão envolvidos nesta resistência em ir aos consultórios:

— As questões de gênero/ masculinidade impedem que os homens acessem os serviços de saúde por conta da concepção de invulnerabilidade, vergonha e medo de descobrir

uma doença incapacitante. As outras barreiras estão associadas ao horário de funcionamento das unidades básicas e falta de especialistas na área. Quando procuram, vão mais por estar com alguma queixa do que para consulta preventiva.

O médico, que é pediatra há 38 anos e atua na atenção ao adolescente há 18, explica que são cerca de 20 a 30 profissionais com formação em medicina da adolescência no Estado. Segundo Coelho, o ideal seria ter até cinco vezes mais profissionais. A explicação para o número limitado, defende o professor, está na baixa remuneração dos convênios, pouca procura dos médicos pela pediatria (pré- requisito para a formação) e receio dos médicos em atender uma faixa etária com a qual não estão acostumados. Além de mais médicos especialistas na área, também é necessário que o pediatra tente criar vínculo com o adolescente, orientando- o da necessidade do atendimento. Essas iniciativas poderiam incentivar a procura do serviço pelos adolescentes, que geralmente vão ao médico por demandas relacionadas a questões psicossociais e comportamentais, mudanças corporais, autoimagem, obesidade, acne, asma e rinite, transtornos depressivos e de ansiedade e dificuldades escolares.

A psicóloga e médica pediatra especializada em adolescentes Catarina Costa Marques reforça a importância de procurar um médico: – Todos da família fazem exame de rotina, então é importante que o adolescente trate questões de sexualidade, que não são trabalhadas em casa, e orientação para doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce.

Além disso, Catarina que atua como psicoterapeuta para adolescentes, diz que os pais devem prestar atenção a mudanças que podem indicar transtornos psicológicos. – É importante diferenciar o que é esperado na adolescência, que tem muitas transformações, mudança de humor, distanciamento dos pais, por exemplo, mas é importante ficar atento aos sinais, já que há um aumento vertiginoso de depressão, ansiedade e transtornos alimentares nesta faixa etária.

Ela alerta para sinais que podem indicar problemas: isolamento social, queda no rendimento escolar, alteração de sono e apetite. Nestes casos, a recomendação é procurar um profissional da saúde.

As doenças mais comuns entre os meninos adolescentes

- **Varicocele:** dilatação nas veias dos testículos que é a causa mais comum de infertilidade – está presente em cerca de 20% a 25% da população masculina em geral. Tratável, a doença não apresenta sintomas e só é detectada com exame físico dos genitais.
- **Tumor no testículo:** câncer mais comum entre homens de 20 a 40 anos, tem como principal sintoma o aumento do volume da bolsa escrotal ou a palpação de um “caroço” no testículo. Mais de 95% desses tumores são curáveis. Meninos, pais e mães devem ficar atentos a esse sinal, pois, quanto mais cedo for feito o diagnóstico, mais simples os tratamentos.
- **Fimose:** consiste em um anel de constrição na pele que recobre a glândula do pênis (prepúcio), dificultando ou impedindo a exposição da glândula (cabeça do pênis). Os sintomas, em crianças, podem ser infecções locais e urinárias, em razão da dificuldade de higienização do local, e até mesmo problemas para urinar.
- **Balanopostite:** processo inflamatório que ocorre no pênis e afeta a glândula e o prepúcio. A causa mais comum é uma infecção aguda causada pelo fungo candida albicans. Não é uma DST, pois ser transmitida sem a realização de penetração, embora o casal possa compartilhar o fungo durante o ato sexual. O tratamento é feito com cremes tópicos e medicação via oral.

- **Ejaculação precoce:** é caracterizada pela ejaculação que ocorre sempre, ou quase sempre, quando o tempo desde a penetração vaginal até a ejaculação passa a ser insatisfatório para o homem ou para o casal. No jovem, a causa costuma estar relacionada à ansiedade e à inexperiência do ato sexual. O tratamento é realizado basicamente por meio de psicoterapia sexual e de farmacoterapia.

Por que eles não vão ao médico

A baixa presença de meninos e homens nos consultórios médicos é permeada principalmente por questões culturais.

– O que se vê é a contracepção e a reprodução delegadas como questões femininas. O homem tem uma participação como coadjuvante, não de pessoa diretamente vinculada. A mulher faz exames preconcepção, planeja a prole, faz exames de rotina. Dificilmente o homem faz isso. Ele só procura o urologista quando o casal tenta engravidar por muito tempo e não consegue. Isso passa, necessariamente, por uma questão cultural e de informação, que deveria ser incorporada de maneira mais objetiva nos currículos escolares – sugere Ernani Rhoden, professor de Urologia da UFCSPA.

A psicóloga Denise Quaresma da Silva, pesquisadora da Universidade Feevale, vê nessa situação o reflexo de uma raiz muito forte do patriarcado, que defende que homens não precisam de educação sexual, que são viris, destemidos e têm um quê de “super-herói”.

– Ele não adocece, afinal, é homem. Se o menino tem uma dor de garganta, é “só uma dorzinha”. Agora, se for a menina, precisa ir no médico porque ela é frágil – exemplifica.

Trabalhando com educação sexual e gravidez na adolescência, a psicóloga encontrou informações importantes sobre o tema nas escolas:

– Na pesquisa que realizei, aparece muito que as professoras dizem que a educação sexual deve ser dirigida para as meninas, afinal, são elas quem engravidam. Mas o menino também faz parte dessa relação.

Os especialistas defendem que a gravidez na adolescência deve ser um tema que envolva também os meninos.

– Tem de fazer com que o homem participe disso desde sempre. As pessoas não têm a percepção de que o uso do preservativo é para se auto preservar. Homem que exige preservativo não mostra fraqueza, mostra poder de querer se cuidar – diz a hebiatra Lilian Day Hagel.

Qual médico procurar

Além do urologista, os meninos (e, nesse caso, também as meninas) podem consultar pediatras especializados no atendimento dessa faixa etária, os hebiatras. De acordo com Lilian Day Hagel, esses profissionais costumam a fazer uma avaliação de oito áreas da vida do jovem: moradia, educação, hábitos alimentares, atividades, uso de drogas, sexualidade, segurança e suicídio/humor. Havendo qualquer discrepância em uma delas, o profissional pode requisitar ajuda de outro especialista.

– O hebiatra tem treinamento para avaliar essas questões e montar o perfil de cada paciente. Dentro das atividades, destaco a questão do abuso das telas: meninos passam horas em frente à tela. Isso pode trazer prejuízos físicos como miopia, escoliose, infecção urinária, constipação, anemia, maus hábitos alimentares etc. Outra é o cyberbullying – fala a hebiatra.

Quando procurar

A recomendação é que adolescentes visitem o médico uma vez por ano para fazer uma avaliação geral da saúde. Na vida adulta, Rhoden reforça que a rotina de visitas ao médico deve se manter com a ideia de avaliar a saúde global. A partir dos 45 anos, homens com histórico familiar de câncer de próstata e afrodescendentes devem fazer exames preventivos. Caucasianos e sem histórico familiar devem fazer a partir dos 50.

Veículo: Aereo Jor

Data: 24/09/2018

Link: <https://www.aereo.jor.br/2018/09/24/lancamento-do-livro-e-8-jstars-de-sergio-santana/>

Lançamento do livro ‘E-8 JSTARS’, de Sérgio Santana



E-8 JSTARS

O renomado autor brasileiro de Aviação e Defesa Sérgio Santana publica mais um livro, desta vez o primeiro dedicado exclusivamente ao Sistema de Radar de Ataque de Vigilância Conjunta (Joint Surveillance Target Attack Radar System) E-8 da Boeing-Northrop Grumman – JSTARS – a atual vigilância terrestre dos EUA, gerenciamento de batalha e aeronave de comando e controle.

O histórico completo do E-8, desde as origens do conceito JSTARS até as últimas informações disponíveis sobre o uso atual, é apresentado.

O livro também traça o caminho evolutivo seguido pela aeronave (desenvolvida a partir do Boeing 707), dos vários estudos que resultaram na versão definitiva da aeronave, para seus vários modelos desde a sua primeira utilização em 1991.

Os aspectos técnicos do equipamento da missão do E-8 são abordados em detalhes, e características operacionais como as exigências reais envolvidas em missões reais também são descritas, todas baseadas na documentação oficial.

O livro também examina o papel desempenhado pelo JSTARS em todas as operações de combate em que participou durante toda a carreira, desde a Tempestade no Deserto até o presente, e discute o conceito para o futuro.



Sérgio Santana, autor de livros e artigos sobre Aviação e Defesa publicados no Brasil e exterior, é também pesquisador do Núcleo de Estudos Sociedade, Segurança e Cidadania da Universidade do Sul de Santa Catarina (NESC-UNISUL). O lançamento do livro *E-8 JSTARS – Boeing-Northrop Grumman's Joint Surveillance Target Attack Radar System* está marcado para abril de 2019 e poderá ser adquirido **neste site**.

TV

Veículo: Unisul TV

Data: 24/09/2018

Assunto: Alguns cursos de graduação da Unisul, em parceria com o Instituto Nossa Família, estão arrecadando brinquedos para serem distribuídos no Dia das Crianças. A Prefeitura de Tubarão também participa da campanha.

Link: <http://unisultv.blogspot.com/2018/09/inf-e-cursos-da-unisul-arrecadam.html>



Veículo: Record News
Programa: Educação e Cidadania
Data: 22/09/2018
Hora: 08h30
Assunto: Visita comitiva Cambridge - internacionalização/JUNIC
Entrevista: Professor Baltazar e Reitor Univ. Cambridge
Link: https://www.youtube.com/watch?v=2T_-sZKmWMM



Rádio

Veículo: Rádio Bandeirantes
Programa: Programa Frente a Frente
Data: 22/09/2018
Hora: 10horas
Assunto: BrincaMigra proporciona integração cultural para migrantes e refugiados. Curso de Medicina Veterinária participa do Pet Days
Comentarista: Tenille Catarina

Veículo: Rádio Santa Catarina
Programa: Arilton Barreiros – Unisul Comunitária
Data: 24/09/2018
Hora: 07h30min
Assunto: Curso de Direito promove evento sobre direito penal constitucional. Bate-papo sobre empreendedorismo visa inspirar estudantes. Questionário investiga a influência da timidez no processo de formação acadêmica.
Comentarista: Tenille Catarina

Veículo: Rádio Bandeirantes
Programa: Programa do Mexicano – Unisul Comunitária
Data: /2018
Hora: 10horas

Assunto: Curso de Direito promove evento sobre direito penal constitucional. Bate-papo sobre empreendedorismo visa inspirar estudantes. Questionário investiga a influência da timidez no processo de formação acadêmica.
Comentarista: Tenille Catarina

Veículo: Rádio Litoral
Programa: Jornal Litoral AM 1320
Data: /2018
Hora: 07horas

Assunto: Curso de Direito promove evento sobre direito penal constitucional. Bate-papo sobre empreendedorismo visa inspirar estudantes. Questionário investiga a influência da timidez no processo de formação acadêmica.
Comentarista: Tenille Catarina

Jornal Unisul Hoje

Veículo: Unisul Hoje
Data: 24/09/2018
Link: <http://hoje.unisul.br/grupo-de-apoio-para-familiares-de-portadores-de-alzheimer/>

Grupo de apoio para familiares de portadores de Alzheimer inicia em outubro



Inicia em outubro o Grupo de Apoio dos cuidados à psicoeducação do Alzheimer, voltado para os familiares e cuidadores de pessoas com Alzheimer. A iniciativa é dos estudantes Bruna Nasário e Fabrício de Souza, da oitava fase do Curso de Psicologia da Unisul, e faz parte do Estágio em Intervenção em Saúde Mental.

No Brasil, mais de 1 milhão de pessoas vivem com alguma forma de demência. Em todo o mundo, ao menos 44 milhões de pessoas vivem com demência, tornando a doença uma crise global de saúde que deve ser resolvida.

Os encontros têm início no dia 5 de outubro e mais sete reuniões estão previstas até o final do ano, sempre nas sextas-feiras, das 19h às 20h. O grupo se reunirá no Serviço de Psicologia da Unisul, no piso térreo do Bloco da Saúde, no Campus Tubarão.

O objetivo do grupo é criar um espaço onde familiares e cuidadores possam falar sobre a experiência e criar uma rede de apoio. “Em Tubarão este é o primeiro grupo voltado para estas pessoas. Sabemos que o Alzheimer é uma doença progressiva e que causa muito estresse em quem está ao redor do paciente. Esse estresse também acarreta sintomas físicos, como hipertensão e insônia”, relata uma das coordenadoras do projeto, Bruna Nasário. “Olhando para o cuidador vamos também olhar para o paciente, já que o cuidado que ele vai ter com o portador da doença é influenciado pelo seu próprio bem-estar”, complementa.

Quem quiser mais informações pode ligar nos telefones (48) 99118-0464 (Bruna) ou (48) 99818 – 2397 (Fabrício).

Veículo: Unisul Hoje

Data: 24/09/2018

Link: <http://hoje.unisul.br/curso-de-linguagem-academica-esta-com-inscricoes-abertas/>

Curso de linguagem acadêmica está com inscrições abertas



O Instituto de Idiomas e Cultura Unisul está com inscrições abertas para o Curso Intensivo de Linguagem Acadêmica. O objetivo do programa é discutir os diferentes gêneros da produção acadêmica. Duas turmas serão disponibilizadas, uma nas quartas-feiras e outra no sábado, que iniciam em setembro e vão até dezembro.

Segundo Carla Borba, coordenadora do Instituto de Idiomas e Cultura Unisul, a necessidade do curso surgiu após o pedido de estudantes, tanto da graduação quanto da pós-graduação. “Além de atender o público acadêmico, o curso também está aberto a comunidade externa. Escrever bem é um superpoder útil nos mais diferentes âmbitos das relações humanas: academia, mundo do trabalho ou outros interesses pessoais”, comenta.

Clique aqui e faça sua inscrição

O curso será ministrado pela professora Helena Schmid, mestre em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp). Ela reforça a importância do curso e afirma a diferença entre a comunicação do dia a dia e dos trabalhos universitários. “Quando nos voltamos para o ambiente acadêmico, toda aquela linguagem do cotidiano pode nos parecer antiquada, de difícil acesso tanto para quem lê um texto teórico, quanto para quem precisa redigir

um relato de pesquisa. A ideia do curso é justamente capacitar o aluno para essa produção escrita acadêmica. Expondo as formas de se elaborar um processo argumentativo e oportunizando o acesso às ferramentas linguísticas necessárias para a confecção do texto”, esclarece.

- Turma 1: de 26/09 a 12/12 – das 19h às 22h (quartas-feiras)
- Turma 2: de 29/09 a 15/12 das 9h às 12h (sábado)
- Local: Instituto de Idiomas e Cultura Unisul (no Centro de Pós-Graduação Unisul, ao lado do Supermercado Althoff).
- Investimento: 6 parcelas de R\$ 139,00 (alunos, ex-alunos e colaboradores da Unisul/Dehon)
- 6 parcelas de R\$ 150,00 (comunidade externa)

Conteúdo Programático:

- Que língua é essa? Desconstruindo a ideia de “língua difícil” para o português brasileiro. Conhecendo a noção de ambiente linguístico e suas implicações para as práticas escritas;
- O discurso científico – conhecendo os gêneros acadêmicos: artigo científico, resenha, ensaio, relato de experiência, projeto de pesquisa, redações, tcc, teses e monografias etc;
- Elementos do texto acadêmico clássico: resumo, introdução, revisão de literatura, método, resultados e discussões, conclusão;
- Estilística textual – escrever para quem ler? Argumentação;
- Construção de sentido – tópico frasal, parágrafos, coesão e coerência; marcadores discursivos;
- Formatação – citações e referências;
- Metodologia e pesquisa científica: discussões éticas em torno do texto
- Organizando as ideias para a escrita: mapa conceitual
- Oficina de Prática de escrita I
- Oficina de Prática Escrita I
- Escrita colaborativa: retomando o texto I
- Escrita colaborativa: retomando o texto II

Conheça mais a professora:

Mestre em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp). Foi professora de Língua Portuguesa Adicional (como língua não materna) pelo Programa de Cooperação Internacional: Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP-CAPES-2013). Desenvolveu projetos voluntários de Ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) para migrantes africanos e caribenhos residentes em Santa Catarina (2015-2016). Graduada em Letras habilitação Português-Inglês pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), também tem experiência com o ensino de português nos contextos escolares públicos. Como pesquisadora investiga questões relacionadas aos diversos usos da linguagem dentro da realidade social e de ensino.